

MEMÓRIA

Curiosidades musicais do carnaval

Celso Higa*

“Vou beijar-te agora / não me leve a mal / hoje é carnaval!”

Não importa o gosto musical, raros são os brasileiros que não reconhecem a marcha-rancho “Máscara Negra”, composta por Zé Ketí e Pereira Matos e lançada em 1967. A exemplo dela, muitos outros

clássicos permanecem animando os foliões durante o reinado de Momo. Alguns são lembrados nesta página

pelo pesquisador Celso Higa, que conta também curiosidades em torno dos respectivos processos de criação.

A origem do carnaval

Da Antiguidade remontam os indícios daquilo que veio a se constituir no chamado carnaval. Do Egito, vem do culto à deusa Ísis e celebração ao boi Ápis; da Grécia, com o nascimento do teatro, encenações nas festas dionísicas; e em Roma, nas festividades Saturnálias. Assim, surge na Europa religiosa o carnaval. O papa Gregório I, no ano 604 cria a Quaresma, com quarenta dias de privações antes da Páscoa, sem o consumo de carne. Vem daí o nome italiano “carnivale”, que significa “adeus à carne”. Nos três dias que antecedia o período de devoção e abstinência da Quaresma, os fiéis, que religiosamente estavam liberados da culpa, cometiam os excessos, bebendo, consumindo carnes e gorduras. Festavam.

Atravessando a Idade Média, têm início as grandes navegações europeias e as colonizações no além-mar. Trazido ao Brasil pelos colonos portugueses, o carnaval chegou ao molde do primitivo entrudo, festividade sem música e com brincadeiras grosseiras. No princípio, no entrudo familiar das residências da elite, águas perfumadas e limões de cheiro eram inseridos em bolas de cera e jogadas nos participantes dessa festa doméstica; já na festa da rua, o povo inseria em baldes e bolas de cera, outras matérias primas: água suja, lama e até urina. Uma esculhambação geral. No Nordeste, muitos lembram desse “banho educado” de águas limpas lançadas por bisnagas de borracha, conhecidos por “mela-mela”.

Mirando no que acontecia nos carnavais de bons costumes, o entrudo foi substituído, pelas festas requintadas de máscaras, confetes e serpentinas como Pierrot, Colombina e Arlequim. Tudo inspirado nos grandes acontecimentos das cidades festeiras, da italiana Veneza e das francesas Paris e Nice. Da Chéquia, na região da Boêmia, que pertencia ao antigo Império Austro-Húngaro, veio a polca, ritmo mais animado, dançado aos pares, com aproximação dos corpos. Apresentada nos salões europeus na era pós napoleônica, chega ao Império brasileiro tornando-se dança popular.

Os músicos nativos, passam a inovar, criando derivações do ritmo, como polca-choro, polca-maxixe, marcha e outros, sendo muito apreciada pela pianista Chiquinha Gonzaga. No Rio de Janeiro, incorporando ao ritmo de origem europeia, chega da Bahia e do interior do país, outra vertente muito forte, resistente, com valores africanos e que pede passagem. Com essa mescla, o carnaval brasileiro tornar-se-ia um evento único, uma festa popular de inclusão social e integração das comunidades.

Irreverência, criatividade e denúncias nas músicas

As marchinhas e sambas carnavalescos trazem a alegria, a irreverência no tríduo momesco. Mas trazem também denúncias, críticas sociais daquele momento de crises econômicas que a população levava na gozação. Até erros históricos de compositores.

Vejamos alguns trechos de músicas que marcaram nos carnavais:

– “Ó Abre Alas!”, de Chiquinha Gonzaga (1899). Traz a marcha pioneira do carnaval, de uma artista que lutou pelos direitos femininos, contra a monarquia e pela abolição da escravidão. “Ó abre alas que eu quero passar / Ó abre alas que eu quero passar / Eu sou da lira não posso negar / Eu sou da lira não posso negar / ... / Rosa de Ouro é que vai ganhar.”

– “Daqui Não Saio”, de Paquito e Romeu Gentil (1949), retrata com humor o cidadão comum reclamando da falta de acesso à morada, da ausência de políticas de habitação. “Daqui não saio, daqui ninguém me tira! / Onde é que eu vou morar? / O senhor tem paciência de esperar! / Ainda mais com quatro filhos / Onde é que eu vou parar?”

– “História do Brasil”, de Lamartine Babo (1934), que contém erro histórico na letra. “Quem foi que inventou o Brasil? / Foi seu Cabral, foi seu Cabral / No dia vinte e um de abril / dois meses depois do carnaval /.../ Do Guarani ao guaraná / surgiu a feijoada / e mais tarde o Paraty.” O folião não estava nem aí, criativo, isentava Lamartine, dizendo que, no dia 21 de abril Cabral inventou e em 22 de abril, ele descobriu o Brasil...

– “Pedreiro Waldemar”, de Roberto Martins e Wilson Baptista (1949). Mostra o preconceito embutido nas classes sociais. “Você conhece o pedreiro Waldemar? / Não conhece mas eu vou lhe apresentar. / De madrugada toma o trem da Circular / Faz tanta casa e não tem casa pra morar / Leva a marmita embrulhada no jornal / Se tem almoço nem sempre tem jantar / O Waldemar, que é mestre no ofício, / constrói o edifício / E depois não pode entrar.”

– “O Trem Atrasou”, de Paquito e Romeu Gentil (1949). Um suburbano se precavia do atraso guardando um documento da rede ferroviária federal (Central do Brasil), como defesa trabalhista. “Patrão, o trem atrasou / Por isso estou chegando agora / Trago aqui o memorando da Central / o trem atrasou meia hora / o senhor não tem razão para me mandar embora.”

– “O Cordão dos Puxa-Sacos”, de Roberto Martins e Frazão (1945). Inspirado no poder político que exercia o senador gaúcho Pinheiro Machado – uma eminência parda na gestão do presidente Hermes da Fonseca, na República Velha – bajuladores políticos subiam uma ladeira no bairro de Laranjeiras, onde Pinheiro morava, buscando favores. Disputavam quem levaria a chaleira com água quente para o chimarrão do gaúcho, queimando os seus dedos. Isso gerou a música “No Bico da Chaleira”, de Costa Júnior (1907): “Iaiá me deixa subir essa ladeira / Que sou da turma que pega na chaleira”. Anos depois, essa marcha inspirou versos mais diretos que mostravam a ojeriza geral aos aduladores: “Lá vem o cordão dos puxa-saco / Dando vivas aos seus maiores / Quem está na frente é passado pra trás / E o cordão dos puxa-saco cada vez aumenta mais”.

– “Lata d’Água”, de Luiz Antônio e Jota Júnior (1952). Samba que relata a rotina no



Nas imagens, porta-retrato do compositor Antonio Nássara; capa do disco “Polêmica de Noel Rosa x Wilson Baptista”; Feira Internacional de Amostras (Rio de Janeiro, 1937); grupo de foliões no carnaval de Corumbá e cena do carnaval de rua de Campo Grande na época dos corsos, serpentinas, confetes e lança-perfumes.

morro, a falta do saneamento e o sonho por oportunidades. “Lata d’água na cabeça / Lá vai Maria, lá vai Maria... / Sobe o morro e não se cansa / Pela mão leva a criança / Lá vai Maria... / Maria lava a roupa lá no alto, / Lutando pelo pão de cada dia, / Sonhando com a vida no asfalto / Que acaba onde o morro principia”...

– “Allah-la-ô”, de Haroldo Lobo e Nássara (1940). Já consagrado, Lobo (1910-1965) quis melhorar a segunda parte de uma música que falava de sol, caravana e deserto. Insatisfeito, procurou Nássara, que alterou e misturou tudo, desde Egito, o deus Alá dos seus ancestrais, até Ioiô e Iaiá. Marcha carnavalesca surrealista, “nonsense” puro, uma loucura que é a cara do Carnaval. “Allah-la-ô, ô ô ô ô ô ô ô / Mas que calor, ô ô ô ô ô ô / Atravessamos o deserto de Saara / O sol estava quente, queimou a nossa cara / Allah-la-ô, ô ô ô ô ô ô ô / Allah-la-ô, ô ô ô ô ô ô / Viemos do Egito / E muitas vezes nós tivemos que rezar / Allah-Allah-Allah / meu

bom Allah / Mande água pro Ioiô / Mande água pra Iaiá / Allah , meu bom Allah.”

Disputa entre “A Jardineira” e “Floribela”

No começo de 1938, “As Pastorinhas”, de Braguinha e Noel Rosa, foi declarada a marcha vencedora do carnaval por comissão julgadora nomeada pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Como sempre acontece numa disputa, houve contestações dos perdedores, tendo até bate-bocas e empurrões de Braguinha e Nássara, depois que este insinuou que foi a alma de Noel e não o parceiro quem ganhou o concurso (Noel Rosa havia falecido em 4 de maio de 1937). Em 1939, depois da confusão armada no concurso do ano anterior, os melhores sambas e marchas passaram a ser definidos pelo voto popular e não por uma comissão.

Em dezembro de 1938, aproveitando a ocasião da XII Feira Internacional de Amostras, escolheu-se esse

local para que o cidadão depositasse o voto na urna. Cada bilhete de entrada do evento dava direito à cédula para a votação entre os melhores sambas e marchas carnavalescas divulgados nas rádios no ano de 1938. Embora “A Jardineira” – de Benedito Lacerda e Humberto Porto, interpretada por Orlando Silva – fosse tida como vencedora pois estava na voz do povo, acabou vencendo “Floribela” – de Antonio Nássara e Eratostenes Frazão, cantada por Silvio Caldas – após uma boca de urna organizada por autores e compositores na entrada do local de votação.

Quanto ao estilo da “Floribela”, Nássara exaltou a paquera, tema pouco utilizado na época: “Entre uma rosa amarela, um cravo branco e um jasmim / Encontrei a Floribela entres as flores do jardim. / Implearei um beijo dela / Ela nem olhou pra mim, / afinal as flores belas, todas elas são assim / Vendo que nada arranjava / eu dei o fora por mim / E a

Floribela quando viu que eu me afastava / Correu atrás de mim / Afinal as floribelas, todas elas são assim”.

Influências em MS

Músicos de Mato Grosso do Sul também foram influenciados pelos ritmos carnavalescos em festival ou no repertório de canções. Aqui, no FESUL (Festival da Canção) de 1981, o Grupo ACABA tirou o primeiro lugar com o frevo “Cavalinho de Pau”, de Chico Lacerda e Alaor Pereira. Retrata a memória da criança e seu brinquedo no ambiente pantaneiro: “... / Vou fazer um cavalinho, cavalinho pra brincar / Vou fazer um cavalinho da folha do carandá / ... / Cavalinho bem safado na lagoa me atirou / Acabou todo meu sonho de criança pantaneira / Entre as folhas do coqueiro meu cavalo fez morada / Minha infância terminou”. O mesmo grupo fez a marcha o “Rancho do Jaú”, de Moacir Lacerda, Chico Lacerda e Jairo Lara. Um réquiem cadenciado, um grito de alerta ambiental a um peixe envenenado pelo mercúrio no rio. Trecho da marcha rancho: “... / eu e taiaã, preocupados / com o ronco abafado / do jaú envenenado /.../ Se você tem fé, acende a vela / prá São Gonçalo, Pedro, Antônio e São João / Vamos levantar esta bandeira / que a fauna e a flora permanecem em extinção / O brilho do garimpo mata o rio / Que mata o peixe, envenenando o meu pirão / Cante siriri-cururueiro! / Vem, catireiro, entoar nossa canção!”. Em 1991, quando o GRES Unidos do Salgueiro, do Rio de Janeiro, entrou com o tema Pantanal para o desfile, o ACABA também participou na seletiva com o samba “Tributo ao Salgueiro”, de Moacir Lacerda, Hércules Arce e Vândir Barreto.

Reclusos nos dois últimos anos de pandemia do COVID-19, em Campo Grande a alegria represada volta com todo o vigor dos blocos Capivara Blasé, Valu e outros menores. Todos fantasiados, coloridos e cheios de amor ao carnaval. O Cordão Valu utiliza a música de meio de ano “Quero Botar Meu Bloco na Rua”, de Sérgio Sampaio, como o hino do cortejo do bloco carnavalesco. Brinda o seu desfile com o “Frevo do Cordão Valu”, do Kid Vinil, entoando o refrão “É hoje, agora / é no Valu que a nossa turma deita e rola”.

Pra quem gosta de um bom carnaval, chegou a hora de soltar o grito contido.

*Celso Higa é engenheiro eletricista, economista e pesquisador regional, associado do Instituto Histórico e Geográfico de MS (cadeira nº 5 – patrono: Emílio Schnoor). **Fotos: Nássara (<https://academialibanobrasil.com.br>); Feira de Amostras (seminário “Cenário de Modernidade: A Feira Internacional de Amostras no Rio de Janeiro”. Hugo Segawa. Salvador-BA. 7 a 10 de 2019); carnaval de Corumbá 1927 (Almanaque Ilustrado editado pela Gazeta do Commercio de Tres Lagoas, MT - acervo IHGMS); carnaval de Campo Grande (acervo ARCA). ***Para consultar a íntegra deste artigo, com maior volume de informações e fontes de pesquisa, acesse o site do IHGMS (<https://www.ihgms.org.br>), no Menu, clique em Conteúdo e depois em Artigos.